

10º CAPÍTULO

APROVEITAR AS OPORTUNIDADES DE CADA DIA

As dificuldades no mercado de abastecimento de sardinha para a indústria de conserva, vão aumentando. Fazem-se perguntas. “O que dá origem ao aparecimento ou desaparecimento da sardinha? Todas as teorias esbarram com o ignorado, pois são diversas as prováveis razões do facto: fuga a condições menos favoráveis noutras águas? A procura de alguns elementos que só na nossa costa momentaneamente se encontram?”⁽¹¹⁹⁾ Não se descobriu ainda uma explicação científica para estes casos. Eles acontecem, em Portugal ou em qualquer outra parte do mundo.

“Durante muitos anos, o porto de Vigo, encontrava-se à cabeça dos portos da península Ibérica, assim como se destacava entre todos os portos do mundo, pela abundância do pescado. Porém a falta da sardinha, projecta as suas dramáticas consequências. A safra que excedeu 42.000 toneladas em 1937, decaiu para 2.000 em 1953.”⁽¹²⁰⁾ Mas do outro lado do Atlântico, o perigo também espreita.

“A Comissão de Pesca e Caça da Califórnia reconheceu oficialmente, que não há praticamente sardinha nas suas costas. A safra da sardinha que chegou a atingir meio milhão de toneladas por ano, está hoje reduzida a zero.”⁽¹²¹⁾

“Tal como na costa da Califórnia, a sardinha na Espanha, diminui notavelmente. Os cientistas procuram estudar a origem deste fenómeno. Porém é ainda prematuro falar sobre as suas causas.”⁽¹²²⁾

Mas há outras dificuldades, de que o centro de Olhão sofre, como por exemplo, a ausência de uma tecnologia de pesca, a falta de informação sobre a existência de cardumes e a sua localização, o envelhecimento de frota pesqueira e o constante aumento de encargos. E sobre as falhas, está sempre presente a ameaça da baixa de preços do mercado exportador, imposta pela concorrência interna e externa.

(119) In “Jornal do Pescador” - 1973 Nº 408

(120) In “Jornal do Pescador” - 1954 Nº 186 - “O primeiro Porto Sardinheiro do Mundo”

(121) In “Jornal do Pescador” - 1954 Nº 181 - “Não Há Sardinha na Costa da Califórnia”

(122) In “Jornal do pescador” - 1953 Nº 173 - “A escassez da sardinha - Problema Mundial”

António Jacinto Ferreira, colocado no centro deste campo de batalha, onde colhia êxitos e fracassos, procurava ter os pés bem assentes na realidade. mantinha-se fiel ao seu princípio: aproveitar as oportunidades de cada dia e confiar no futuro. Apesar deste seu optimismo, a situação económica da indústria conserveira, deteriorava-se rapidamente. Será interessante apreciar as várias opiniões que vinham, a público e apontavam para uma próxima derrocada:

“Olhão, com centenas de anos de existência, os seus feitos históricos e algumas figuras ilustres, vive numa apatia absolutamente medieval, de terra que encontrou à muito o seu caminho, ou seja a pesca e a indústria de conservas.

Ao contrario de Júlio César que “Chegou, Viu e Venceu”, o olhanense “Chegou, Viu e Parou”. Exactamente, parou quando as pescas e as conservas deram o que tinham a dar, devido a métodos antigos que então eram utilizados. Proprietários de barcos e de fábricas, lamentam-se hoje, esquecendo-se de que talvez não tenham feito o necessário esforço, para melhorar as suas indústrias.”⁽¹²³⁾

“Procurando por si próprios, uma solução para o problema da indústria da pesca, crise verdadeiramente aflitiva de norte a sul de Portugal, mas em especial no Algarve, alguns armadores de Vila Real de Santo António, seguindo as pisadas de vários colegas de Matosinhos, acabam de concentrar-se, formando uma única sociedade que permitirá pôr em comum todo o seu material e todos os seus esforços “⁽¹²⁴⁾

“Os industriais de conservas, estão a efectuar reuniões, no Grémio que tem a sua sede em Olhão, para procurarem uma solução para a crise, com que se debate esta indústria estudaram a hipótese de algumas unidades se concentrarem, e de outras se organizarem cooperativamente. Indicava-se que no caso de Olhão, as unidades fabris seriam reduzidas de 50% ou mais, pelo agrupamento das existentes.

Porém, por noticias que nos chegam, esclarecemos que a iniciativa não partiu dos industriais conserveiros de Olhão, mas sim de um organismo superior. É claro que a nossa decepção resulta apenas de vermos que continua a apatia dos industriais, que estes continuam a espera que apareça um D. Sebastião, numa manhã de nevoeiro, que lhes venha resolver os problemas, sem eles se

(123) Mateus Boaventura - “Quem dormir Agora” - In Sp. Olh. 1963 N° 8

(124) In Sp. Olh. 1970 N° 97

mexerem. A crise nas conservas já se arrasta à demasiado tempo, pondo em jogo a própria sobrevivência de boa parte da população olhanense. “⁽¹²⁵⁾

Evidentemente, que esta tentativa de união e de cooperação, estava votada, ao fracasso. O olhanense é muito confiante nas suas possibilidades e tem uma visão muito sua, para resolver os problemas. Recusa abdicar das suas ideias, integrar-se numa cooperação e formar uma frente comum.

Surgem mesmo vozes, resignadas com a indecisão e dispostos e não dar um passo, para melhorar a situação. São devotos do “Deixa Andar, não Vale a Pena”. Damos como exemplo desse estado de espírito, algumas linhas de um artigo publicado nesse período de crise:

“Por mais que os armadores e conserveiros se organizem, por mais voltas que lhes dêem, a vida olhanense continuara, até à consumação dos séculos, a viver esta alternativa de períodos de abundância e euforia, com períodos de crise e de fome.” ⁽¹²⁶⁾

No campo comercial alguma coisa podia ser feita. Não lhes ocorre, que uma campanha publicitária no mercado estrangeiro, pode melhorar a situação? O envio de uma embaixada comercial, buscando um contacto directo podia ser muito proveitoso. A apresentação das embalagens podia ser melhorada. E esse doloroso problema, para uma dona de casa, que é o abrir uma lata de conservas, podia-se tomar um prazer em lugar de ser um tormento o levantar a tampa. Não foram estas iniciativas que os concorrentes estrangeiros puseram em prática, e os ajudaram a derrotar as conservas portuguesas ‘?

Uma sombra de desânimo, cai sobre Olhão. Esta situação, confirma. e explica o pensamento que António Jacinto Ferreira Júnior, tinha expresso numa entrevista sobre as causas da crise:

“Os dirigentes das fábricas, na sua grande maioria, não tem qualquer preparação prévia para as funções que desempenham e isso terá que se reflectir na, sua actuação directiva.”⁽¹²⁷⁾

(125) J. de A. - “Procura-se uma Solução Para a Indústria de Conservas”
In Sp. Olh. 1970 Nº 98

(126) Zé da Barreta - “As Fabricas Apitam” - Sp.Olh. 1970 Nº 101

(127) António Jacinto Ferreira Júnior - “A Crise da Indústria de Conservas”
In Sp. Olh. 1971 Nº 130

Ainda uma outra opinião de um anónimo que se acoberta com a sigla XX.

“Industrialmente, somos uma sombra do passado. É triste olhar para os armazéns que outrora foram fábricas de conservas de peixe (conservas que se vendiam em todo o mundo e que levavam gravadas nas embalagens o nome desta vila) e vemos agora armazéns fechados, com escritos para alugar, ou anúncios para venda.

Mas alugar para quê? Vender a quem e para quê? Se em Olhão não há iniciativa para nada!...

Resolveu-se o problema, pagando e fechando algumas fábricas, deixando outras a aguardar o seu dia de também fecharem.”⁽¹²⁸⁾

Estes juízos que transcrevemos, tem apenas por fim, apresentar o ambiente pessimista que rodeava a indústria de conservas em Olhão. Todos esperavam uma mudança, um milagre, mas ninguém dentro das suas possibilidades tomava uma iniciativa, para manter ou se possível aumentar o nível dos seus negócios.

António Jacinto Ferreira, não se deixa vencer por este clima de desalento. É um homem habituado a lutar contra as dificuldades. Pensa nos mercados dos países do leste europeu, então, devido à política internacional quase fechados para Portugal.

Estuda o assunto com o seu filho e, resolvem explorar a possibilidade de conseguirem obter encomendas nesses mercados. Jacinto Ferreira Júnior, viaja para alguns desses países e, os resultados são compensadores.

Mais tarde, seguindo essa política de expansão que tinha como motivo, diversificar os mercados, a “Conserveira do Sul” apresenta as suas conservas na Feira Internacional de Leipzig, na Alemanha Oriental. Foi o primeiro fabricante de conservas de peixe, de Portugal a tomar esta iniciativa nos países do Leste.

Uma outra faceta de Jacinto Ferreira, era a sua vontade de se actualizar e modernizar o seu parque industrial. Enquanto que por volta dos anos de 1960, muitas firmas conserveiras começam a desabar, vergadas ao peso das dificuldades, ele estudava os mercados internacionais, e procurava descobrir, porque motivo os concorrentes estrangeiros, conseguiam colocar os seus

(128) “ Propósito de uma Visita” In Sp. Olh. 1972 N° 138



PARTICIPANDO EM LISBOA NUMA REUNIÃO COM TODOS OS
INDUSTRIAIS CONSERVEIROS DO PAÍS

produtos em áreas, onde anteriormente, Portugal gozava de uma grande aceitação.

Não se tratava da qualidade oferecida, pois as conservas portuguesas, eram preferidas em todo o mundo pelo seu excelente sabor e paladar. Talvez uma vez por outra, um ligeiro aumento de preço, fosse a perda de uma encomenda. E esse facto devia-se ao grande grau de mecanização que algumas fábricas estrangeiras tinham alcançado, o que permitia um abaixamento no custo da produção.

Não tinha dúvidas sobre esta questão. Estava sempre a actualizar as máquinas, e em Portugal a “Conserveira do Sul”, era uma das primeiras empresas a empregar, as técnicas mais modernas na preparação do peixe. Contratou mesmo os serviços do técnico italiano, Hugo Rondini, para planear uma mecanização mais eficiente. Foi a primeira conserveira do país a montar uma câmara frigorífica.

Para poderem ver no local, como esta inovação podia aumentar o rendimento do trabalho, vieram do norte de Portugal numerosos conserveiros para apreciarem o funcionamento desta câmara. Este cuidado no renovamento dos processos de fabrico, permitiu-lhe que num ano atingisse o recorde do fabrico de cem mil caixas de sardinha.

Os outros conserveiros de Olhão não compreendiam esta expansão. Como era possível que esta fábrica, “A Conserveira do Sul”, comprada em 1954, e que tinha tido uma vida precária nos anos anteriores, conseguisse alcançar esta dimensão?

Comentava-se entre amigos, que alguns concorrentes, suspeitosos, iam disfarçadamente, sob vários pretextos, espiar as centenas de operarias a trabalhar e ver se descobriam, a causa deste desenvolvimento. Mas nada notavam de anormal, a não ser algumas máquinas que não se utilizavam nas outras fábricas. Jacinto Ferreira sabia desta espionagem e limitava-se a rir. Nunca recusou a visita às suas instalações e recebia com agrado aqueles colegas que vinham dos outros centros para ver de perto o funcionamento da sua empresa.⁽¹²⁹⁾

Já é ocasião de dizer alguma coisa, sobre este homem, como industrial e como cidadão integrado na sociedade olhanense. Era uma pessoa simples, amável no trato. Falava com cada um respeitando a sua classe social. Ricos e

(129) Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de meu Pai”

pobres encontravam nele um ouvinte atento. Não era de festas nem de jantares sociais. Politicamente, não escondia as suas preferências por um governo que fosse aberto a uma imprensa livre e responsável. Achava que pior que uma ditadura política, era a ditadura da burocracia em que vivia, mesquinha e atrofiadora de todas as iniciativas, responsável em grande parte pela mediocridade em que o País se debatia.

Não tendo recebido, quando adolescente uma forte formação religiosa, tinha contudo passado com os anos, de uma apurada ética social, para o cumprimento dos preceitos evangélicos. Quem durante o decorrer do tempo, acompanhou as suas actividades admirava-se do empenho e seriedade que ele punha no seu trabalho.

Um seu amigo que conviveu de perto com ele, diz-nos que Jacinto Ferreira era um homem de prudência e bom senso nos negócios.⁽¹³⁰⁾ Um outro, reconhecia que bastava olhar para a sua mesa de trabalho, para ver que cada coisa tinha o seu lugar certo, para notar que era uma pessoa organizada.⁽¹³¹⁾

Entre êxitos e fracassos, (Pois também os teve) tinha os pés bem assentes nas realidades do dia a dia. Sem se deixar iludir com falsas miragens era cauteloso nas suas previsões. É interessante observar, como ele puxa ao de cima a raiz dos problemas, sem esconder as dificuldades. Logo na primeira sessão de trabalho, como presidente do Conselho Geral do Sporting Clube Olhanense, não hesita em dizer: “É preciso lutar com ordem e método”. E não teme ir contra a opinião de alguns velhos dirigentes e apontar os erros que tinham sido cometidos por negligencia e inércia e indicar as soluções sem receio de ferir algumas melindrosas susceptibilidades. E confessava o Olhanense é um clube pobre e não pode dar-se ao luxo da ostentação, com ordenados demasiadamente onerosos e com a fantasia de aquisições de jogadores, com luvas e ordenados incompatíveis com os recursos do clube.”⁽¹³²⁾

O jornal “O Sporting Olhanense”, exprime a sua opinião sobre António Jacinto Ferreira, na grência dos destinos do clube:

“António Jacinto Ferreira, destaca-se como um dos dirigentes mais prestigiados, inteligentes e dinâmicos, estando sempre presente nos momentos aflitivos do clube, contribuindo para atenuar essas crises, com todo o seu saber,

(130) Informação de Giuseppe Cocco

(131) Informação de António Leal

(132) António Jacinto Ferreira Fala à massa Associativa” - In Sp. Olh. 1969 N° 86

capacidade de trabalho e auxílio material. Dá sempre o seu esforço e é ainda um dos principais obreiros do valioso património de que hoje o Olhanense dispõe.”⁽¹³³⁾

Ele confia no seu trabalho e força de vontade, que o ajudaram a vencer as dificuldades que encontrou durante a sua vida. Procura afastar a apatia e despertar as energias. Aconselhava, os métodos que o tinham feito sair da mediocridade. Encontra palavras enérgicas para encorajar os mais tímidos, temerosos diante dos obstáculos e não hesita em afirmar : “O nosso clube está enfermo, mas ainda vive e há-de continuar a viver. A população da nossa terra, venera o seu Olhanense, e até me parece que desaparecendo o nosso clube, Olhão também desapareceria.”⁽¹³⁴⁾

Numa terra onde o gosto pelos livros é muito fraco, Jacinto Ferreira era um assíduo leitor. Quase sempre antes de adormecer, fazia a sua leitura.⁽¹³⁵⁾ Como já atrás dissemos, era assinante do jornal “A República”. Sempre que este periódico promovia uma campanha para angariação de fundos, contribuía com a sua oferta.⁽¹³⁶⁾

Gostava de escrever. São numerosos os artigos que publicou no jornal “O Sporting Olhanense”, onde sempre que podia, deixava uma palavra de gratidão e sentido amor, pela terra que o acolheu. Era um admirador da história dos heróis de Olhão.

Atarefado por numerosos afazeres, escrevia de improviso. Não tinha tempo de fazer uma sistemática e profunda pesquisa sobre os assuntos que desenvolvia. Confiava nalgumas leituras e por informações que ia colhendo. Isso por vezes levava-o a certas afirmações menos precisas, mas que não invalidavam o sentido do assunto.

Os usos e costumes do povo olhanense, sempre lhe agradaram e não perdia uma ocasião de pôr em relevo a sua coragem e patriotismo. Falava amistosamente com o seu pessoal e quando o trabalho apertava, e não podia ir a casa, comia na sua companhia, assentado num banquinho e vigiava as sardinhas que se iam assando.⁽¹³⁷⁾ Sempre teve o dom de se relacionar e cultivar amizades. Os amigos sabiam que podiam contar com ele.

(133) In Sp. Olh. 1964 N° 24 - Artigo sem assinatura

(134) “O Conselho Geral do Nosso Clube” - In Sp. Olh. 1969 N° 83

(135) Sua esposa D. Ermelinda de Jesus Martins Ferreira

(136) António Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de Meu Pai”

(137) António de Oliveira - Mestre de Redes.

Cultivava a virtude da gratidão. Era reconhecido a todos que o tinham ajudado, nos seus primeiros tempos. quando os seus negócios se desenvolveram e a gerência da fábrica o forçaram a deixar de atender os seus pequenos clientes espalhados pelo Alentejo e pelo norte, foi visitar a maioria deles e agradecer-lhe pessoalmente, o bom acolhimento que durante anos sempre tinha recebido. ⁽¹³⁸⁾

(138) António Jacinto Ferreira Júnior - “Memórias de Meu Pai”